

CURSO de **LIDERANÇA**

Ministério do Adolescente

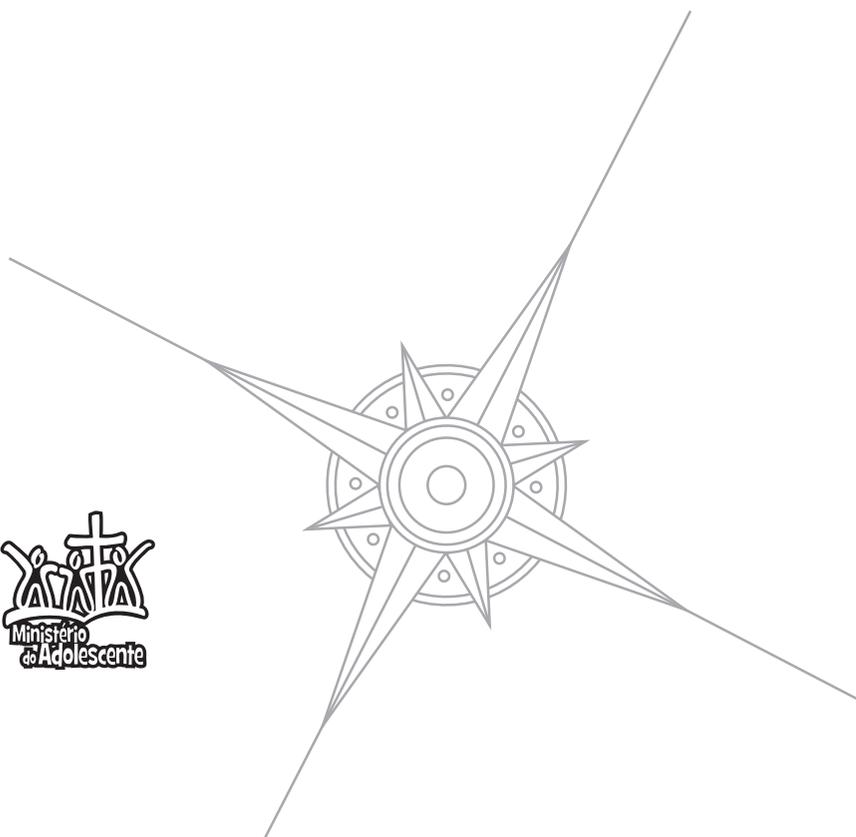


NÍVEL 4

CAPACITAÇÃO PARA LÍDERES

CURSO de **LIDERANÇA**

Ministério do Adolescente



FICHA TÉCNICA

2017 Ministério do Adolescente
Igreja Adventista do Sétimo Dia
Divisão Sul Americana
Av L3 Sul, SGAS, Quadra 611
Conjunto D, Parte C, Asa Sul
CEP 70200-710 - Brasília - DF

Coordenação Geral: Divisão Sul Americana

Edição: Graciela Hein

Diagramação: Marcos Castro

Autoria dos temas:

Tema 1 - Daniel Meder

Tema 2 - Svitlana Samoylenko

Tema 3 - Christofer William Pellini Valenço

Tema 4 - Christofer William Pellini Valenço/ Jorgeana Alves Longo

Tema 5 - Jorgeana Alves Longo/ Júlia Cardoso

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
01 COMO FORTALECER A FÉ DO ADOLESCENTE.....	7
Afinal, o que é fé?	7
O que a Bíblia fala sobre fé	8
A falta de fé existe quando não há conhecimento suficiente	8
A fé no nosso dia-a-dia	9
Deus: Fé no Amigo conhecido ou no estranho pedinte?	10
A fé do adolescente no mundo pós-moderno de hoje	11
Como ter uma fé com base sólida, capaz de sobreviver na sociedade atual.....	12
Explique a razão de cada coisa.....	12
2 COMO FORTALECER OS RELACIONAMENTOS NA FAMÍLIA	14
3 COMO CONQUISTAR A CONFIANÇA DO SEU ADOLESCENTE	22
1 Verdade:	22
2 Tempo:	23
3 Sem Julgamento / Sem preconceito, mas com firmeza nos princípios:	23
4 Lidando com as posições e oposições:.....	24
5 Você também precisa confiar:.....	24
6 Seja vulnerável (mostrando a real força):.....	24
7 Como lidar com as inseguranças do adolescente:.....	25
8 Humor:	25
9 Confiança e Autoridade.....	26
Concluir sem terminar o assunto.....	27
4 BULLYING, LIDANDO COM O MAL DO SÉCULO.....	28
Identificando agressores.....	29
Identificando vítimas de bullying.....	29
O que dizer sobre as testemunhas passivas de bullying?	29
Ações que podem diminuir o bullying e cyberbullying	30
5 O DESPERTAR DO SENTIDO DA VIDA: A MISSÃO.....	31
O que é missão?.....	32
O que a Bíblia fala sobre missão?	32
O que Ellen White diz sobre a missão da Juventude?.....	33
Juntos na Missão.....	33
Mãos à obra: O que podemos fazer pelo próximo.....	33
Seguem ideias realizadas no Geração Teen para trabalhar a missão em sua Classe:	34
Desafios Missionários	36
Conclusão	36

APRESENTAÇÃO

Querido Professor,

O ministério de um líder de adolescentes é muito especial.

Podemos dizer que exige um toque de artista, pois exige sensibilidade, amor, dedicação e entrega naquilo que se está construindo. Cada adolescente é uma obra de arte inacabada nas mãos de um líder.

Uma arte que precisa ser trabalhada para a realização da vontade de Deus e salvação de muitas pessoas.

Portanto, como artista, o líder precisa investir em si mesmo, para que desenvolva seu potencial, aprenda novas técnicas, abra os olhos para novas oportunidades e, sobretudo, amadureça como pessoa e como cristão.

Por isso, apresentamos o Curso de Liderança - nível 4 para líderes de adolescentes, que lhe proporcionará esse crescimento e o ajudará a desenvolver um ministério relevante em sua igreja.

Nosso desejo é que você desfrute de cada aprendizado e use seus dons e talentos para ajudar a finalizar essa obra na vida de cada adolescente que Deus lhe confiou.

Seja um artista da liderança!

Ministério do Adolescente

Divisão Sul-Americana

01 | COMO FORTALECER A FÉ DO ADOLESCENTE

DANIEL MEDER

Quantas vezes já ouvimos a frase: “Os adolescentes de hoje não querem saber de nada!”

Ou então: “No meu tempo, não era assim.”

Quantas vezes você não expressou suas ideias em palavras, mas no íntimo, pensou: “Os adolescentes de nossos dias parecem não ter a mesma fé que tínhamos antigamente.”

Será que a fé dos adolescentes de nossa geração é menor, ou até mais frágil do que 20, 30 ou 40 anos atrás? O que mudou? O mundo? As pessoas? Ou a forma pela qual as pessoas veem o mundo?

Neste capítulo, abordaremos:

- O significado da palavra fé;
- A fé do adolescente no mundo pós-moderno de hoje;
- O fortalecimento da fé com uma base sólida, para sobreviver nos dias atuais.

Que ao final deste capítulo, consigamos ter boas ferramentas para o trabalho com adolescentes e, principalmente, um maior fortalecimento da própria fé!

AFINAL, O QUE É FÉ?

Nossa concepção errada de fé

Falamos muito sobre fé nas igrejas e mesmo entre amigos e família, usamos a palavra como forma de conforto ou até para preencher uma frase qualquer. Fé é uma palavra que parece ter um significado bom, mas, às vezes, abstrato.

Quantas vezes já ouvimos frases com a palavra fé, mas que não faziam muito sentido:

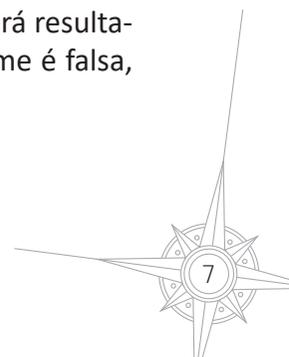
“Tenha fé, amigo; tudo vai dar certo!”

“Eu não me preparei para o exame, mas tenho fé.”

“O papai vai voltar pra casa, mamãe! Ele não vai nos deixar. Precisamos ter fé!”

Analisemos algumas frases que sempre ouvimos por aí com a palavra fé. Sobre a primeira frase do quadro acima, eu faço a seguinte pergunta: Quem garante que tudo vai dar certo? Tudo o quê? Você tem certeza de que alguma coisa vai dar certo? Pois na Bíblia nem tudo deu certo. Daniel foi preso pelo rei Nabucodonosor, mesmo sendo fiel. Todos os discípulos, menos João, foram mortos. Abel foi assassinado por seu próprio irmão. Como vemos, nem tudo acontece como queremos.

Sobre a segunda frase, vemos que o despreparo para o exame, provavelmente, trará resultados ruins. Em que ajudará a fé, nesse caso? A crença de que vamos sair bem no exame é falsa, pois essa crença não fará com que a realidade mude.



E sobre a terceira frase, usada como clichê, muitas vezes, encontrada em filmes e livros, mostra que a decisão do pai que saiu de casa pode ser alterada, através da certeza do filho ou da mãe. Um erro absurdo. E nós, geralmente, usamos esse mesmo clichê para confortar pessoas que estão passando por momentos difíceis. Nesse caso, acreditar que o pai vai voltar, não altera em nada a liberdade de decisão desse pai.

Crer que uma pessoa tomará a decisão que eu quero que ela tome, não influenciará na decisão dela. E para ir mais longe, este é um pensamento contrário aos ensinamentos bíblicos, pois o dom mais importante que Deus nos dá é a liberdade de escolha. E a fé de alguém não muda a escolha do outro. Momentos como esses confundem a cabeça de nossos adolescentes, pois a palavra fé é usada sem nenhuma base lógica. E exatamente por isso, a fé parece ser algo ultrapassado para eles.

O QUE A BÍBLIA FALA SOBRE FÉ

Acredito que neste ponto, muitos poderão fazer esta pergunta: “Mas a Bíblia fala que a fé pode mover montanhas! E que tudo é possível àquele que crê. Então, se eu tiver fé suficiente, posso alcançar qualquer coisa, certo?”

Vejam como a Bíblia coloca a definição do que é fé: “Fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem.” Hebreus 11:1.

Ou seja, fé é acreditar quando ainda não aconteceu. Fé também é ter a certeza de algo, mesmo sem estar vendo esse algo. Por exemplo, temos fé de que Jesus um dia voltará. Isso ainda não aconteceu, mas cremos que um dia acontecerá. Ou então, tenho fé de que Jesus me ama. Não consigo ver Jesus ou mesmo ouvi-Lo, assim como vejo e ouço meus amigos. Mas mesmo sem vê-Lo ou ouvi-Lo, tenho a certeza de que Ele me ama.

E a Bíblia ainda traz mais alguns versos que nos ajudam a entender o que é fé:

- “A fé vem pelo ouvir, ouvir a palavra de Deus.” Romanos 10:17
- “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram?...” Romanos 10:14

De acordo com a Bíblia, fé é a certeza daquilo que não vejo, porém conheço. Ou pelo menos, ouvi falar. Note que esses versos dizem que não dá para termos certeza quando não ouvimos o suficiente sobre Cristo. Não temos como confiar em alguém que não conhecemos. A fé é uma confiança construída aos poucos, conforme aumenta meu relacionamento com Deus.

Fé não é a certeza de que um pai vai voltar para casa, quando vejo que todas as suas decisões até aqui foram egoístas. Fé não é a certeza de que vou passar no exame, quando eu mesmo tenho as evidências de que não conheço a matéria. Fé não é ter certeza de que “tudo” vai dar certo, quando eu não tenho conhecimento suficiente para isso.

A FALTA DE FÉ EXISTE QUANDO NÃO HÁ CONHECIMENTO SUFICIENTE

Na Bíblia, Jesus não encoraja uma fé cega, ou seja, sem base em um conhecimento prévio.

Em João capítulo 1, a partir do verso 43, vemos que quando Natanael encontra Filipe, ele lhe conta que encontrou o Messias. Mas Filipe não estava muito certo disso, conforme sua célebre frase: “Acaso pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” Diante dessa dúvida, Natanael convida Filipe

a analisar e tirar suas próprias conclusões: “Vem e vê!” Note que Natanael não tenta convencer Filipe a fazê-lo crer em algo ou alguém que ele ainda não conhece, mas o convida a buscar conhecimento, informação, evidências de que Jesus é o Messias.

Em João 4 encontramos Jesus conversando com uma mulher samaritana, junto ao poço. No início, ela não dá muita atenção a Jesus, mas depois se empolga tanto com a conversa, que sai correndo em direção à cidade, para chamar todos que encontra para conhecer e ouvir o Messias. Porém, ela não fala que as pessoas devem acreditar no que ela fala, mas os convida a analisarem: “Venham e vejam um homem que disse tudo sobre o meu passado. Será que ele não seria o Messias?” Ela sabe que sua palavra não vai mudar muita coisa, mas se eles puderem comprovar e conhecer, então eles mesmos terão essa certeza.

Quando João Batista é preso, seus discípulos continuam trazendo para ele as notícias do que está acontecendo lá fora. O tempo passa e Jesus não faz nada para libertá-lo. Então, de acordo com Mateus 11, ele envia seus homens para irem até Jesus e perguntarem se Ele era realmente o Filho de Deus, ou se havia algum erro naquilo tudo e deveriam esperar outro. Quando os discípulos de João perguntam a Jesus, Ele não responde com um sim ou um não, mas diz que eles deveriam informar a João o que estavam vendo e assim João poderia analisar, com base nas informações e evidências, se Ele era o Messias.

Sabemos por relatos de Jesus, mais tarde, e pelo Espírito de Profecia, que João morreu com sua fé firme no Salvador, mesmo não tendo sido liberto da prisão. Ou seja, ele duvidou, mas confirmou sua fé; e mesmo não vendo “tudo dando certo para ele”, foi fiel até o fim.

No entanto, alguém pode fazer a seguinte pergunta: “Mas Jesus não repreendeu Tomé por não ter tido fé?” Claro que sim, porque depois de 3 anos andando lado a lado com Jesus, Tomé ainda não tinha entendido nada.

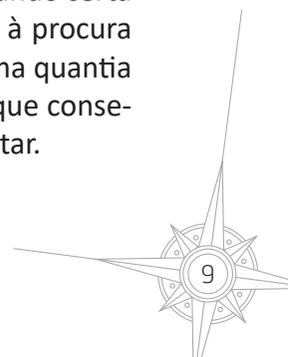
Note que Jesus não cobrava certezas no início do Seu ministério, já que Ele estava apenas se apresentando ao povo. Ele, simplesmente, permitia que esse relacionamento e essa certeza crescessem aos poucos. Porém, depois de 3 anos de caminhada com o Mestre, Tomé deveria já ter colocado em prática tudo o que aprendera, e crer mesmo sem ver.

A FÉ NO NOSSO DIA-A-DIA

Usemos como exemplo, um relacionamento familiar: Digamos que você está sentado tranquilamente na sua sala de estar, quando o telefone toca. Do outro lado da linha, sua avó de 85 anos o cumprimenta e lhe pede um favor. Ela diz que houve um problema com a aposentadoria dela e que vai precisar de um pouco de dinheiro emprestado para comprar algumas coisas. Mas que na semana seguinte ela se compromete em devolver a quantia emprestada. O que você faria?

Para facilitar ainda mais sua decisão, imaginemos que sua avó realmente tenha o dinheiro, pois ela já lhe disse que sua aposentadoria é boa, mas, de vez em quando, o banco atrasa o pagamento. Além disso, você acaba de se lembrar de que foi ela quem pagou os gastos de sua formatura e também a ajudou a completar o valor que faltava para o seu casamento. Ela não quer o dinheiro dado; quer apenas emprestado por uma semana, e faz questão de devolvê-lo. Diante dessa explicação, você já decidiu se empresta ou não o dinheiro?

Imaginemos uma segunda cena, não muito incomum em algumas cidades grandes: Logo após o telefonema da sua avó, a campainha toca. Um homem que você nunca viu, demonstrando certa ansiedade, conta uma história. Ele começa dizendo que veio de uma cidade distante à procura de emprego que não deu certo. Agora, completamente desorientado, está pedindo uma quantia para completar o valor da passagem de volta para sua cidade. Ele garante que assim que conseguir emprego novamente, lá em sua cidade, vai depositar o valor que você lhe emprestar.



Em qual das duas pessoas você teria mais fé? Qual das duas situações oferece a você maior garantia de que o dinheiro será devolvido? Claro que você pode querer doar o dinheiro em ambos os casos, mas essa não é a questão. Estamos analisando o ponto da fé:

- A certeza de que algo que ainda não aconteceu, aconteça – o retorno do dinheiro;
- A convicção em algo que você não pode ver – a sinceridade de quem está pedindo.

De onde vem a fé na sua avó?

- Nos anos de convivência e relacionamento com ela;
- Nas inúmeras provas de que ela nunca mentiu para você em todos esses anos;
- Nas várias demonstrações de altruísmo dela ao pagar suas contas.

De onde vem a fé, ou a falta dela, no estranho?

Todos esses pontos (da fé na sua avó) não se encontram na segunda história. Não há relacionamento com o estranho; não há provas de que ele esteja falando a verdade. Não há evidências de que ele não esteja mentindo para os outros e você, seja apenas mais um.

Claro que é muito mais fácil você emprestar o dinheiro para sua avó. Talvez até sinta que é uma honra poder fazê-lo.

Mas, algumas pessoas, diante da situação do estranho pedinte, pegam uns trocados e, para confortar a consciência, dão o dinheiro sem esperança de que ele retorne ao seu bolso. E dizem para si mesmos: Se for verdade, ao menos, eu fiz minha parte. E encerram o assunto.

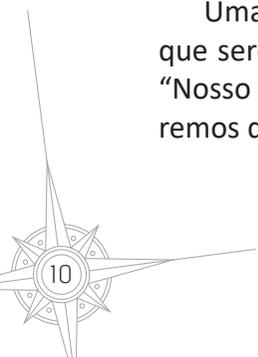
Agora, digamos que, diante de uma crise muito grande, ambas as situações se repitam. Sua avó pede novamente e o mesmo estranho reaparece na sua porta com outra história. Você está muito apertado financeiramente, mas mesmo assim, o que faria? A maioria das pessoas faria o que fosse preciso para atender à avó. Mas, diante do estranho diriam: sinto muito, pois não tenho nem para mim este mês. Veja que o relacionamento e a confiança fizeram toda a diferença diante da crise.

DEUS: FÉ NO AMIGO CONHECIDO OU NO ESTRANHO PEDINTE?

O mesmo acontece com a nossa fé em Deus. Muitas pessoas possuem uma “fé” que não é profunda, nem mesmo baseada em relacionamento. Eles até “cumprem o seu papel de cristãos” sendo um bom cidadão e não infringindo a lei. Ou seja, oferecem aquilo que sobra. Até conseguem confortar a consciência, mas isso não é fé verdadeira.

No momento da crise, quando for preciso abrir mão de algo que se gosta, como: sustentar uma opinião diante dos colegas ou mesmo levar prejuízo para permanecer firme ao lado de Deus é somente por meio de um verdadeiro relacionamento, baseado na convivência e no relacionamento que sustentará essa fé. É a caminhada com Deus que vai lembrar as outras vezes que Ele esteve junto em situações parecidas. E é a certeza, baseada nos anos de amizade com Deus, que dará forças para seguir em frente, mesmo que tenha que sofrer.

Uma fé baseada no conhecimento prévio e na amizade profunda com Deus torna-se tão forte, que seremos capazes de responder como fizeram os três amigos de Daniel diante da fornalha: “Nosso Deus é poderoso para nos livrar, mas ainda que Ele decida não o fazer, não nos ajoelharemos diante do rei”.



“Resumo: A fé bíblica não é acreditar em qualquer coisa porque alguém disse que deveria ser assim, mas é a verdadeira confiança nas promessas e na presença de um Deus que se conhece. É a certeza das coisas que não se vê, mas crê, porque Deus assim o disse. É a convicção de um futuro baseado em um passado e um presente de relacionamento com um Deus real.

A FÉ DO ADOLESCENTE NO MUNDO PÓS-MODERNO DE HOJE

Alguns podem dizer: “Mas no meu tempo de adolescência, não se questionava tantas coisas; tínhamos uma fé mais forte”. Não necessariamente. Ao longo dos anos, a sociedade tem passado por inúmeras mudanças, inclusive na forma de lidar com questões religiosas.

Há algumas décadas atrás, as pessoas questionavam muito menos. Esposas se submetiam a abusos sem questionarem seus direitos a uma vida melhor. Filhos obedeciam aos pais diante da frase “Porque sim!” Cristãos praticavam rituais sem questionarem a validade ou mesmo a necessidade de tudo aquilo. Orações eram repetidas sem fazerem o menor sentido àquele a quem invocavam. Eu jamais poderia julgar ou avaliar a profundidade da fé de alguém, porém é possível dizer que a sociedade de algumas décadas atrás aceitava muito mais coisas sem questionar. Mas o que mudou? Quase tudo!

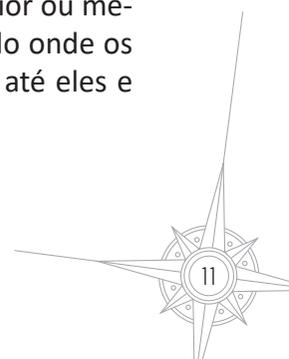
A sociedade de hoje tem mais acesso à informação. Os meios de comunicação nos dão acesso quase ilimitado a qualquer parte do mundo, pessoas, crenças e costumes. A facilidade de estudar, pesquisar e descobrir está ao alcance de qualquer pessoa. Você pode descobrir desde o número de fotocélulas encontradas nos olhos de uma tamburutaca (crustáceo) até o mecanismo de funcionamento de um submarino nuclear, através da internet. E tudo isso usando o seu celular, enquanto espera o ônibus para a escola. O acesso à informação nos tornou muito mais questionadores.

Outro fator que contribui com a mudança nos adolescentes e a forma de verem o mundo, está no ambiente pós-moderno em que eles estão crescendo. A sociedade atual valoriza a liberdade. O adolescente interage com os meios de comunicação de forma quase que contínua e recebe um bombardeio de conteúdo pós-moderno desses meios, dizendo que para ele ser alguém, deve ser livre, pensar por si mesmo, não aceitar aquilo que não faz sentido, libertar-se da escravidão, etc.

Embora os adolescentes possam imaginar que são livres, eles estão sendo escravizados pelo próprio meio em que se encontram. Independentemente disso, eles não vão aceitar seguirem a religião dos pais ou mesmo ter a fé dos pais, se eles não decidirem isso por si próprio. Essa decisão precisa vir unicamente deles.

E o terceiro ponto a ser destacado é que o pós-modernismo valoriza a emoção e a experiência acima de qualquer outra coisa. Para verificar a validade dessa afirmação, ligue a TV e assista alguns comerciais. Na época de nossos pais, se uma empresa quisesse vender um carro, ela mostraria quantos benefícios tecnológicos e financeiros se poderia ter na compra desse automóvel. E hoje, um comercial da mesma empresa, mostra muito pouco do carro em si, mas busca de todas as formas, passar a mensagem de que com esse carro a pessoa se sentirá melhor. Para se “vender” algo ao pós-moderno, é preciso levar a pessoa a querer experimentar algo que ela ainda não conhece, pois a sua própria experiência valerá muito mais do que uma afirmação vinda de outra pessoa.

Não estamos aqui para criticar a sociedade de hoje, nem dizer que o passado foi pior ou melhor que o presente. Mas o objetivo é entender o mundo no qual vivemos; um mundo onde os nossos adolescentes estão crescendo, para que assim possamos saber como chegar até eles e ajudá-los a ter uma fé sólida.



Resumo: Inserido em uma sociedade pós-moderna, o adolescente de hoje não se contenta mais com uma fé herdada, ou seja, crer naquilo que seus pais ou pastor creem, simplesmente porque são seus pais ou seu pastor. Ele irá questionar quase tudo que lhe é apresentado e isso não precisa ser considerada uma afronta, mas apenas uma forma de se relacionar com o mundo. Vale salientar, que ao questionar, o adolescente não quer dizer que o adulto esteja errado, mas está tentando entender o sentido daquilo que lhe é apresentado. Ele deseja entender e experimentar o que lhe é oferecido, mas somente quando entende o novo conceito que lhe é apresentado, isto será parte de sua vida.

COMO TER UMA FÉ COM BASE SÓLIDA, CAPAZ DE SOBREVIVER NA SOCIEDADE ATUAL

Depois de tudo o que vimos até aqui, chegamos ao ponto em que já temos algumas ferramentas para poder ajudar os adolescentes a terem uma fé mais forte. Vejamos abaixo algumas dessas ferramentas:

A sua fé precisa fazer sentido para você, em primeiro lugar

O adolescente é muito sincero e odeia hipocrisia. Como vimos no início do capítulo, quando os adultos ao redor demonstram uma fé sem sentido, algo baseado em um rito sem significado, algo que conflita com sua própria vida, o adolescente se incomoda e assimila tudo o que for relacionado com aquela fé à falta de personalidade. Se você quer que seu adolescente aprenda sobre a graça, então viva a graça na sua vida. Se quer que ele aprenda sobre amor, aprenda a amar. Se você deseja falar-lhe sobre fé, tenha um relacionamento com Deus, baseado em uma fé que, primeiramente, faça sentido em sua vida. Portanto, conheça primeiro o Deus que você quer ensinar!

Desenvolva um relacionamento com ele para que ele aprenda a se relacionar com Deus

Como vimos acima, o adolescente de hoje valoriza muito mais experiências do que informação. Claro que a informação é importante, mas ele só irá assimilar essa informação, se ela vier junto com a experiência. Então, se você vai falar com ele sobre o relacionamento com Deus, ele precisa sentir esse relacionamento, através de você. Gaste tempo ouvindo o que ele tem a dizer, mesmo que não seja totalmente de seu interesse. Você não está ali para se entreter com o assunto dele, mas para ver o quanto aquilo é importante para ele, mostrando-lhe que se importa com ele. Faça perguntas. Somente depois que ele experimentar sua atenção e interesse é que ele estará pronto para ouvir do amor e interesse de Deus por ele. Por isso, tire vantagem dessa característica pós-moderna dele e use-a em seu favor. Dizer que Deus se importa só fará sentido se o adolescente sentir que você realmente se importa com ele.

EXPLIQUE A RAZÃO DE CADA COISA

Lembro-me de que, por muitos anos, ouvi que Jesus morreu por mim e por isso eu deveria amá-Lo. Eu até tentei viver uma vida dedicada a Deus, mas era como um fardo pesado e sem sentido. E pensava sozinho: Ele não poderia simplesmente ter perdoado meus pecados, sem precisar morrer? Mas quando, finalmente, entendi como a morte de Cristo pagou o alto preço de minha liberdade, perante o Universo e ao mesmo tempo, cumpriu a lei, livrando-me das consequências do pecado, tudo começou a fazer sentido para mim.

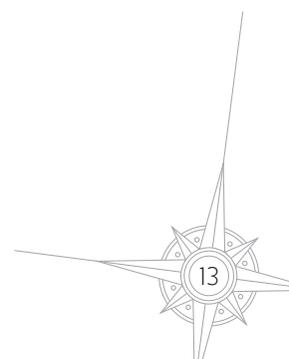


Tive alunos que me diziam: “Se Deus realmente amasse as pessoas, Ele não deveria ter colocado uma árvore do bem e do mal bem no meio do jardim para tentar o ser humano.” Vários desses alunos deixavam bem clara sua razão de não pertencerem a nenhuma denominação, pela falta de sentido que encontravam nas doutrinas.

Com muito carinho eu ouvia todas as suas dúvidas e buscava encontrar uma resposta que fosse relevante às perguntas que eles tinham. Então, procurava explicar que a árvore do bem e do mal era simplesmente um símbolo da liberdade de escolha de Adão e Eva. Caso ela não estivesse ali, o homem não teria escolha. E não há amor se não há liberdade. Se o Éden fosse obrigatório ele não seria um paraíso e sim uma prisão.

Por isso, Deus coloca a prova de Seu amor bem no meio: a porta de saída. Ele explica todas as consequências dessa escolha. Mesmo assim, eles escolhem sair. O diabo triunfa por ter toda a humanidade sob seu poder. Deus gostaria de comprar o ser humano de volta, mas como negócio é negócio e a humanidade que escolheu ir para o lado do diabo, Deus vai precisar pagar. E Ele paga. A vida de Jesus nas mãos do diabo; a tortura; a morte na cruz... a fim de que o ser humano tivesse o direito de escolher novamente.

Quando o adolescente desperta para entender o significado do que há na Bíblia, ele desenvolve uma sede que nunca mais será saciada. Então, ele segue buscando mais e mais informações que se misturam com a experiência, que o leva ao relacionamento com o Pai.



2 | COMO FORTALECER OS RELACIONAMENTOS NA FAMÍLIA

SVITLANA SAMOYLENKO

Quando recebi o convite de escrever sobre como podemos fortalecer relacionamentos na família, fiquei extremamente feliz, pois acredito que esse é um dos temas mais importantes que existem. O que é família? Algo sagrado. A fonte de criatividade, segurança, amor, contentamento e confiança para conquistar o mundo. Mas também pode ser a fonte de maiores desapontamentos, profundas mágoas e receios que desconectam gerações.

Existem tantos livros, tantas informações sobre relacionamentos familiares! Muitos profissionais capacitados trabalham diligentemente para amenizar a vida dos seus clientes. Mesmo assim, mais livros são escritos todos os dias e as listas de espera de tais profissionais continuam crescendo, sem sinal de parar.

O que apresento é o resultado de vários anos de trabalho na área de terapia cognitivo-comportamental, programas de desenvolvimento, coaching executivo e tutoria. Não tenho nenhuma ilusão que posso resolver todos os problemas de todas as famílias com esse texto. Porém, a prática mostra que os modelos que apresento de fato são altamente eficazes e podem sim mudar uma vida.

Vamos refletir em três questões essenciais: **accountability**, **inteligência emocional** (regulamento de emoções) e **limites saudáveis**. Porém, antes de tudo, eu gostaria de pedir a sua permissão para conversarmos de uma maneira direta e sem esconder as verdades duras. Está pronto? Então vamos lá!

Para começar, eu pergunto a você, amigo e amiga: Quem está no comando da sua vida? Quem é o capitão da sua alma? Quem decide o seu próximo passo?

Não tenha pressa em responder. Nem pense que responder ‘Deus’ é o suficiente nesse caso.

Leia comigo a famosa parábola dos talentos (Mateus 25:14-30). Com certeza você sabe bem a história... mas será que você já notou os detalhes?

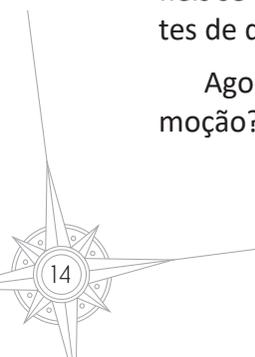
Por exemplo, de quem era o dinheiro que o mestre deixou para os três servos? É simples! Dele mesmo – e você teria toda razão em pensar assim. Contudo, vamos olhar as atitudes dos personagens mais de perto.

O verso 18 fala do terceiro servo – aquele que recebeu um só talento. Ele ‘saiu, cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro **do seu senhor**’ (ênfase minha, aqui e nas próximas citações). De quem era o dinheiro? Sim! Do seu senhor. E o servo relembra o mestre disso, duas vezes, no verso 25: ‘escondi o **seu** talento no chão. Veja, aqui está o que **lhe pertence**’. Ok, até aqui estamos de acordo, certo? O dinheiro era do mestre.

Porém, o quadro fica bem interessante quando olhamos para os outros dois servos (versos 20 e 22), pois ambos falam a mesma coisa: ‘O senhor **me** confiou cinco/dois talentos; veja, **eu** ganhei mais cinco/dois’. Qual era a percepção desses dois? De quem era o dinheiro?

Era confiado a **ELES**, então se tornou **DELES** no período em que eles o gerenciavam. Os servos fiéis se consideravam **donos** daquele valor, naquele momento, mesmo estando plenamente cientes de que o dinheiro inicialmente era do seu mestre e deveria ser devolvido a ele – com lucro.

Agora, qual estratégia foi a mais eficaz? Qual atitude ganhou respeito, reconhecimento e promoção? E qual resultou em castigo, total perda de confiança e completa rejeição?



Está tudo nos versos 28-30: ‘Tirem o talento **dele** [terceiro servo] e entreguem-no ao que tem dez [primeiro servo]. Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado. E lancem fora o servo **inútil** nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes’.

Note duas colocações importantíssimas. A primeira: o próprio mestre nunca diz MEU talento e sim talento DELE [do servo], comprovando a visão dos dois servos fiéis que se consideravam donos dos valores. E a segunda: a palavra ‘inútil’ é usada para descrever o servo que escondeu o dinheiro – logo você verá que essa mesma palavra é usada hoje para descrever certo grupo de pessoas.

Uau! Nada light, certo? Qual era a expectativa do mestre? Ele se satisfaz com a mediocridade do servo cavador de buracos? Voltou, depois de *muito* tempo (verso 19), tendo esquecido do valor exato que entregou para os três?

Não! O mestre exigiu excelência e nada menos. Nada de desculpas. Nada de justificações. Nada de provas da inocência ou ignorância.

O nosso Mestre hoje exige a mesma coisa. Nada menos do que resultados extraordinários. E somos nós - eu, você e nossos filhos - a quem esse pedido é feito. Isso não deve nos assustar. Muito pelo contrário! Devemos nos sentir privilegiados, crescer e produzir algo formidável na nossa vida! Isso que é autoestima. Isso que é uma vida saudável.

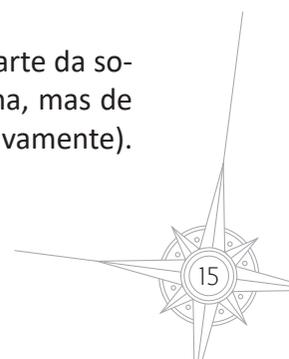
Sabia que esse conceito de ser dono e entregar resultados excepcionais tem um nome? **Accountability**. Um termo inglês que não tem tradução. Algumas pessoas até tentam traduzir para *responsabilidade*, mas *accountability* é muito mais do que responsabilidade.

Responsabilidade é a vontade de uma pessoa transferida para outra como uma certa cobrança. Como aluna, sou responsável por entregar boas notas (os pais que exigem). Como inquilina, sou responsável por manter a casa em bom estado (o dono que insiste no contrato). Como funcionária, sou responsável por apresentar certos resultados no serviço (o meu chefe que manda).

Accountability, por outro lado, vem de dentro, sem exigência de ninguém. É uma virtude moral, uma característica de pessoas excelentes, um destaque das que admiramos e a diferença das que passam por nossa vida despercebidas.

Accountability pode ser medida. João Cordeiro, um dos palestrantes brasileiros que foca nesse assunto, apresenta seis níveis que podem ajudar você a entender o conceito melhor:

- **Nível 1** – Aqui eu assumo 10% de controle das coisas que acontecem na minha vida, tanto positivas quanto negativas, e delego 90% para os outros. Quem? O governo, o clima, o presidente, o mercado de trabalho, o vizinho, meus pais, alguém que se aproveitou de mim... e a lista continua. Que tipo de pessoa temos aqui? Crianças mimadas e adultos que reclamam tanto que ninguém aguenta ficar perto.
- **Nível 2** – Nesse nível eu assumo 20%, e delego 80%. Aqui temos os adolescentes problemáticos e adultos inúteis (eis a mesma palavra da parábola). Uma pequena reflexão: de onde surgem esses adolescentes problemáticos? Certo: das crianças mimadas do Nível 1. E os adultos inúteis? Bem, você entendeu, não é?
- **Nível 3** – Aqui, eu assumo 40% e delego 60%. Nada extraordinário. Nenhuma conquista excelente. Aquelas pessoas cujos nomes nem lembramos.
- No **Nível 4** assumo 60% e delego 40%. Melhorando, mas... Aqui está a maior parte da sociedade brasileira no momento atual (lembrando que essa opinião não é minha, mas de João Cordeiro que pesquisa e trabalha a questão de *accountability* quase exclusivamente).



Estamos sobrevivendo. Estamos batendo o cartão. Estamos dando um jeitinho e fazendo o mínimo possível.

- Agora, o Nível 5 é onde estão as pessoas excelentes que assumem 80% de responsabilidade por tudo de bom ou ruim que acontece em suas vidas, e ao mesmo tempo sabem delegar os apropriados 20% quando este não pertence a elas. Essas pessoas modelo fazem acontecer. Elas têm famílias equilibradas, emprego significativo e status nos seus grupos sociais. Elas não culpam os outros por seus erros e suas responsabilidades. Não se esquivam das oportunidades de assumir uma falha e crescerem a partir dela. Mas essas pessoas também sabem dizer *não*. 'Não posso'. 'Não quero'. 'Não gosto'... quando necessário.
- E finalmente, o Nível 6 destaca pessoas sem essa capacidade de dizer não. Elas pegam para si 100% da responsabilidade por tudo que acontece com elas e com todas as outras pessoas ao seu redor. Não sabem proteger o seu tempo, nem delegar, nem estabelecer limites, nem exigir que os outros façam a parte deles. Simplesmente carregam o mundo nas costas, pouco a pouco destruindo a sua saúde física e emocional.

Como você já percebeu, o Nível 5 é o que Deus deseja de mim, de você e dos nossos filhos. Ser pessoas excelentes. Cidadãos responsáveis. Cristãos exemplares. Sacerdócio real (1Pedro 2:5).

Será que isso é possível? Afinal, como seres humanos e pecadores, caímos e, por vezes, ficamos por um bom tempo nos níveis 4, 3, 2 e quem sabe até o 1. Isso simplesmente reflete a nossa natureza pecaminosa, e nós não podemos fingir que essas caídas e recaídas não fazem parte da vida diária.

Porém, o tempo que ficamos 'abaixo da linha de accountability' não passa sem consequências.

Quando caímos, começamos a usar desculpas cada vez mais elaboradas e críveis (*Não tive tempo. Ninguém me ajuda. Não é o meu problema. Já fiz a minha parte. Ninguém me avisou/ convidou. Não sei o que fazer. Fale-me exatamente o que é para fazer que eu faço ...*). Com cada desculpa que absorvemos de nós mesmos e dos nossos filhos, desenvolvem atitude de vítimas, resistindo ao feedback dos outros, sentindo-nos cada vez mais 'coitados' e nos tornando passivos.

Chega! O que me diz? Vamos parar com essa vida de dependência e inabilidade! Vamos gastar menos tempo 'abaixo da linha', aprendendo a subir 'acima da linha' com mais agilidade, resiliência e confiança! Vamos educar os nossos filhos a verem que as escolhas deles têm consequências e que eles de fato não são o centro do universo, mas sim precisam servir e dar retorno *com lucro!*

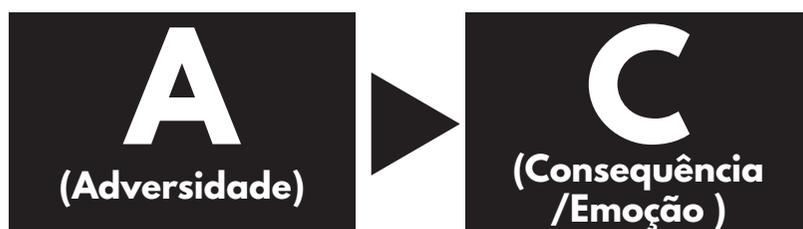
Sugiro duas ações simples que podem realizar essa mudança: regulamento de emoções e limites saudáveis. Vamos entender cada um separadamente, começando com a questão das **emoções**.

Já parou para pensar de onde vêm as emoções humanas? Quando pergunto isso nos meus workshops, ouço várias respostas: da situação, daquilo que acontece, do coração, da mente, de dentro. Qual seria?

Vamos dar um exemplo. Imagine comigo: Maria está no trabalho quando seu chefe a chama e a acusa de um erro que ela não cometeu. É injusto, é mentira, só que o chefe está tão irado que não ouve as explicações dela, aumenta a voz e grita ainda mais. Maria sai do escritório tão abalada, com tanta raiva e frustração, que chora a noite inteira, come um monte de chocolate e desconta nos seus próprios filhos, acordando no dia seguinte com uma dor de cabeça enorme e sentindo uma culpa ainda maior.

Ou seja, algo assim:





Certo?

ERRADO!

Maria sentiu raiva, frustração e culpa. Mas será que tudo isso veio da situação em si? O que aconteceria, por exemplo, se eu colocar a Júlia no lugar da Maria? Ou o Pedro? Ou você? Sentiria e faria *exatamente* as mesmas coisas? Claro que não.

Então podemos concluir que a *emoção* (aquilo que posso descrever com uma só palavra, como raiva, frustração, culpa, vergonha, empolgação, confiança etc.) seria diferente para pessoas diferentes, mesmo se a situação permanecer exatamente a mesma. Concorda? Nesse caso, de onde vêm as emoções senão da situação?

A resposta empírica (baseada em estudos científicos) é: dos pensamentos. Em outras palavras, algo assim:



Pensamento é sempre uma frase, e não somente uma palavra (fica a dica para saber a diferença entre pensamento e emoção!). Por exemplo, vamos supor que a Maria pensa '*Está vendo? Sou inútil mesmo. Nunca nada vai dar certo para mim*'. Que outra emoção seria possível senão raiva, frustração e culpa?

Pelo contrário, a reação seria bastante diferente, se ela pensasse assim: '*Isso não é verdade. O meu chefe não parece estar sendo capaz de me ouvir no momento, mas eu sei quem eu sou e que o meu trabalho tem valor. Amanhã eu volto para conversar com ele*'. A emoção como consequência desse pensamento seria completamente diferente. A Maria estaria mais calma. Mesmo chateada, provavelmente seria capaz de equilibrar o próprio estado e ficar em paz com a família, dormir e acordar descansada, certo?

Note que a nossa busca nem sempre é pelos pensamentos 'positivos' – e nem emoções 'positivas'. Em uma situação de verdadeira falta de capacitação, estudo ou preparo, por exemplo, seria cômico pensar '*Eu sou maravilhosa; Vai dar tudo certo*' e esperar um milagre. Do mesmo jeito, em uma situação de trauma, como uma perda de um familiar por exemplo, seria estranho esperar uma emoção 'positiva'.

O que queremos ver e viver são emoções saudáveis e ações proativas, que vêm de pensamentos equilibrados e realistas.

Vamos exemplificar. Quais são os pensamentos desequilibrados, mentirosos, insalubres? Veja:



- Não faço parte
- Não sou importante
- Ninguém me ama
- Não sou bom o suficiente
- É tudo minha culpa
- Nunca estarei seguro
- Não posso confiar em ninguém
- Sou uma fraude

- O que digo não é importante
- Sou burro
- Não sou bom em nada
- O que outros dizem é +importante do que eu penso
- A vida não tem objetivo
- Outros querem me fazer mal
- Não mereço amor

E, do outro lado, quais são os pensamentos saudáveis, equilibrados, realistas? São como esses:

- Erro, mas posso resolver
- Sou bom o suficiente
- Pessoas podem me amar
- Consigo lidar com estresse
- Sei quem eu sou
- Outros são confiáveis
- O mundo é basicamente seguro
- Posso confiar nos outros
- Posso aprender e melhorar quando não sei fazer algo

- Cada experiência é uma lição
- Meus erros são oportunidades para aprender
- Sou competente naquilo que gosto de fazer
- Tenho amigos confiáveis e divertidos
- Problemas virão, mas tenho os recursos para lidar com eles

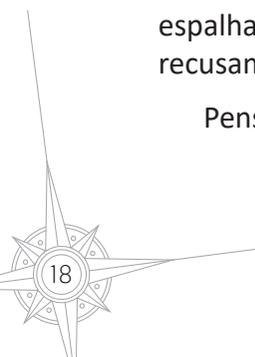
Agora você entende o poder do pensamento? O Modelo APC é o cerne da psicologia cognitivo-comportamental, um dos modelos mais eficazes que temos para hoje, e reflete uma coisa mensurável: a nossa fisiologia. Não é uma filosofia como alguns outros modelos. É ciência pura e simples. O seu e o meu cérebro foram criados para construir a nossa realidade e o fazem sempre nessa ordem: Adversidade – Pensamento – Consequência (APC).

A nossa próxima pergunta é: o que os pensamentos têm a ver com accountability e relacionamentos familiares?

Têm TUDO a ver! Seus pensamentos são SUA propriedade. Quando você se vê como dono de suas crenças, você fica mais auto-ciente e começa a cuidar melhor delas. Você aprende a regular as crenças extremas e insalubres, substituindo-as por crenças realistas e equilibradas. Como resultado, as suas emoções também ficam cada vez menos extremas e desproporcionais, e mais apropriadas para a dada situação.

Com isso, você lida melhor com os estresses do dia-a-dia de vida familiar – sabe, aquelas coisinhas que lhe incomodam tanto, mesmo sendo tão pequenas? O marido que deixa coisas espalhadas, a esposa que se esquece de algo importante, os filhos que exigem tanta atenção ou recusam obedecer.

Pensamentos equilibrados o ajudam a manter uma atitude de eficácia e de resolver os pro-



blemas. A bagunça pode produzir um pouco de frustração, mas nunca a raiva fora do controle. A consulta esquecida pode resultar em uma taxa de cancelamento, mas não em uma briga tamanho armagedom. Uma birra poderia chamar atenção dos outros, mas não arruinar o seu dia.

Pensamentos bem equilibrados e verdadeiros também lhe ajudam a ensinar a mesma coisa para os pequenos. Você consegue mostrar-lhes como podem identificar, reconhecer, ficar cientes e escolher – regular – os seus próprios pensamentos. Desse jeito, você estará produzindo pequenas versões de pessoas excelentes, ao invés de mimadas e inúteis.

Outro benefício de pensamentos equilibrados é que eles o habilitam a definir e manter **limites saudáveis**, e essa é a segunda ação para melhorar nossos relacionamentos que iremos abordar aqui.

Vamos entender melhor a questão de limites. O que são? Para que servem? Como instalar esses limites na nossa vida?

Vamos imaginar a seguinte situação: Você mora numa casa e ao redor dela há uma cerca. Para que serve essa cerca? É fácil: para delinear o seu território, para mostrar onde termina a sua propriedade e começa a do outro, para proteger as coisas boas que você tem. Você também tem um portão, para deixar entrar o que você gosta e deixar sair o que não é desejável (autores americanos Cloud e Townsend dão mais detalhes dessa definição na sua excelente série de livros ‘Limites’, caso você queira saber mais).

Do lado da sua casa fica a casa do seu vizinho, e ele também tem uma cerca ao redor do território dele. E lá no jardim dele tem uma árvore enorme (vamos imaginar que é uma palmeira bem alta, ou até uma enorme araucária). De quem é essa árvore? É lógico: do vizinho!

A árvore não está bem já faz um tempo. Na verdade, o vizinho deveria tê-la cortado anos atrás, e a situação está incomodando a vizinhança inteira.

Um dia, cai uma tempestade, e essa palmeira, ou araucária, desaba. Metade no jardim do vizinho, metade no seu, quebrando a cerca e criando uma majestosa bagunça.

Pergunta: de quem é essa árvore que caiu no seu jardim? Por acaso se tornou sua?

Se você respondeu sim, você poderia ter dificuldades em definir e proteger limites na vida real.

A verdade é que a árvore, por mais esteja estatelada no seu quintal, ainda pertence ao seu vizinho. Ele tem a completa responsabilidade de lidar com o problema e arrumar a desordem que esse problema criou. Claro, você pode ajudar a limpar a sujeira e consertar a cerca, mas a iniciativa de remover o incômodo e a tarefa mais pesada de remover a árvore é a parte do vizinho.

Vamos aplicar isso à vida real?

Quantas dessas ‘árvores’ de outras pessoas (*problemas como raiva, agressão, dependências, depressão, preguiça, falta de responsabilidade ou mesmo accountability*) já caíram no seu quintal (*sua vida pessoal e social, seus relacionamentos, sua família, sua casa*)? Quantas estão ali nesse momento, apodrecendo, estressando você e ocupando o espaço que poderia ser usado para o seu lazer e descanso?

E as suas ‘árvores’? Quem está cuidando delas? Você é o dono *accountable* e responsável que toma a atitude proativa de tirá-las e arrumar a bagunça por elas criada? Ou você sempre espera que outros o socorram, aguardando passivamente que alguém cuide da sua vida?

Sabe, todos nós temos os nossos ‘territórios’ – nossas casas, cercas e nossas araucárias. O interessante é que os seus filhos também os tem, começando com o primeiro dia de vida. Enquanto pequenos, as cercas ainda estão em construção, e as araucárias ainda são pequenas.



Às vezes parece que é muito mais fácil e bem menos trabalhoso simplesmente ‘limpar a bagunça’ de uma arvorezinha caída (no final, é tão pequena... não custa nada...), do que treinar o seu filho a cuidar das consequências. Às vezes, você está cansado e simplesmente ignora uma oportunidade para fazer coaching com ele, deixando de ensiná-lo que cada ação tem uma reação, que cada decisão tem um resultado e que cada atitude trará frutos.

Então vejamos algumas situações:

Uma mãe que coloca os brinquedos no lugar, quando a sua filhinha de 5 aninhos recusa fazer o mesmo. Não custa nada.

No supermercado, um pai compra aquele boneco, ou o salgadinho, ou alguma outra coisa desnecessária, porque fica mais fácil do que aguentar publicamente o escândalo do filho.

Uma mãe arruma o quarto, a cama e as roupas de um adolescente de 15 anos, quase todos os dias. Afinal, ele é seu filho, e ela o ama, porque não o faria?

Um pai briga com o professor da escola para arrumar a nota ou dar um jeitinho para a sua filha passar de ano. Ela é pequena ainda, tão inocente.

Uma mãe não exige ajuda com a louça ou limpeza; dá total liberdade e não deixa o filho ouvir nenhum feedback negativo. Ela pensa que proteger e cuidar dele dessa maneira comunica o seu amor.

Já viveu ou observou algo parecido? Como pais, deveríamos pensar mais uma vez nessas situações. O que estamos criando? Que tipo de futuros namorados e namoradas? Esposos e esposas? Homens e mulheres? Cidadãos e cristãos?

Nesse tipo de situações seria muito mais prudente (mesmo sendo mais trabalhoso) agir proativamente e com o objetivo final em mente. Seria bom sentar com os nossos pequenos e jovens, definir expectativas claras de performance apropriada para eles, e colocar consequências claras, se não cumprirem tais expectativas. E, claro, no caso de não cumprirem, deixar que as determinadas consequências de fato aconteçam.

Entenda: a sua tarefa é ajudar os seus filhos a definirem os seus próprios limites. Isso somente pode ser feito quando você sabe definir os seus, quando a sua palavra (inclusive a palavra ‘não’) vale alguma coisa, quando você exige respeito e quando você lidera pelo exemplo.

E se você não cumprir essa tarefa, para sempre viverá com o estrago que os limites vagos trarão. Você poderia até cair na armadilha do Nível 6 de accountability, e ficar cuidando de filhos mimados que se tornaram adultos inúteis sem a capacidade de se virar sozinhos e sem contribuir para a sociedade – para sempre.

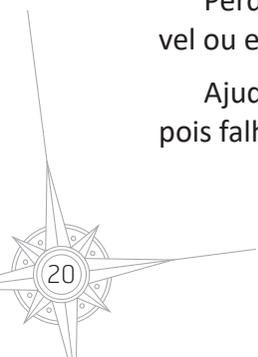
Não quero que você pense que não é bom ajudar o outro com os problemas dele ou proteger os seus filhos, nem que é para você limitar outras pessoas de algum jeito. Não é isso que estou querendo dizer; muito pelo contrário. Somos chamados para crescer juntos, ajudar e desafiar um ao outro.

Porem, precisamos ter uma visão clara do que é saudável e do que é doentio.

Amar é saudável. Proteger de todas as consequências negativas que seguem escolhas irresponsáveis é insalubre, pois falha em encorajar crescimento.

Perdoar é saudável. Ficar passivo e calado quando outra pessoa está fazendo algo desagradável ou errado é insalubre, pois falha em instalar limites.

Ajudar é saudável. Fazer tudo por outros e solucionar todos os problemas deles é insalubre, pois falha em promover independência e *accountability*.



Ou seja, a questão de colocar limites nunca trata de constranger o outro. O objetivo nunca é limitar outros ou insistir no que eles devem ou não fazer ou pensar.

Limites saudáveis são meus limites, e em primeiro lugar, devem ser colocados na minha vida, definindo as minhas atitudes. Por exemplo, eu devo limitar a minha passividade ou agressividade, a minha depressão, a minha ansiedade, os meus medos e a minha falta de capacitação. Eu devo restringir minhas tendências para a ineficácia, e encorajar crescimento e excelência.

Somente então posso definir até aonde eu aceito o tratamento que vem dos outros, e em qual ponto o meu próximo (inclusive o meu filho) teria que ajustar uma atitude ou uma ação em relação a mim.

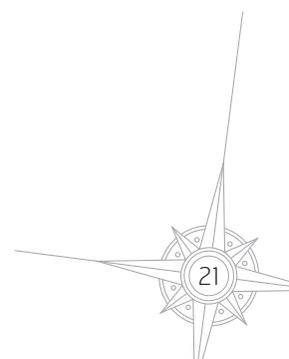
Manter o meu 'quintal' livre de 'árvores' caídas e manter as minhas próprias 'árvores' sob controle pode servir como uma definição alternativa para o conceito com o qual começamos – *accountability*.

Estar no Nível 5 de *accountability* significa lidar com os meus problemas sem tardar, pedir ajuda quando precisar, regular os meus pensamentos, fazer um trabalho excepcional e entregar resultados de destaque. *Accountability* também é dizer 'não' em situações que ultrapassam os limites saudáveis, protegendo aquilo que é bom 'dentro' daquilo que é mal 'fora'.

Então, os três conceitos (*accountability*, o modelo APC e limites saudáveis) são intrinsecamente interconectados e um não pode existir sem o outro. Juntos criam uma bela sinergia que resulta em influência positiva e liderança pelo próprio exemplo.

São três pilares de saúde e equilíbrio emocional, e como tais, garantem relacionamentos saudáveis dentro das famílias. E agora você, querido leitor, faz parte do grupo ciente desses conceitos.

Qual será a sua escolha? Ousa crescer para alcançar a excelência que Deus espera de você?



3 | COMO CONQUISTAR A CONFIANÇA DO SEU ADOLESCENTE

CHRISTOFER WILLIAM PELLINI VALENÇO

Querido professor, líder e entusiasta que trabalha com o adolescente, não há treinamento, nem manipulação, nem técnica que seja completamente eficaz para conquistar a confiança de qualquer pessoa, pois a confiança é entregue voluntariamente de uma pessoa a outra e, neste quesito, o adolescente não é diferente dos demais.

Este módulo se propõe a dar alguns princípios a serem seguidos, para facilitar a aproximação com seu adolescente. Da forma simples e mais prática possível, mostrar como ser alguém confiável.

Vamos deixar claro que isso não é uma “receita de bolo”, onde se terá o resultado esperado, só por seguir essas regras. Desde já, quero deixar claro que, intencionalmente, o seu adolescente estará no singular; porque a confiança não é coletiva, e sim, individual. E ao conquistar alguns adolescentes de um grupo, você provavelmente estará influenciando indiretamente os demais, já que os adolescentes decidem muitas coisas em grupo.

1 | VERDADE:

“E conhecereis a verdade e a verdade os libertará”. João 8:32 (ARA)

Nós vivemos em uma sociedade onde a verdade é considerada relativa ou, em outras palavras, cada um tem a sua verdade. Isso funciona para relações eventuais e rápidas, mas não cria relações reais e duradouras, que é o objetivo.

O conhecimento da verdade, a qual é verdade em todo tempo e lugar, é fundamental para um relacionamento confiável; explico: Nós não conhecemos as pessoas, até o momento em que comecemos a conviver com elas; e ainda assim, esse conhecimento é fraco, pelo tempo que temos disponíveis para esse conhecimento mútuo; por isso deve-se ter um parâmetro (forma de medir e comparar duas coisas ou situações diferentes). O primeiro destes é a verdade, inclusive bíblica, para que, através deste parâmetro, todos nós possamos ver em quem confiar.

Professor lembre-se de mostrar a você mesmo qual a verdade, mesmo que essa possa machucar, mas que será melhor viver algo real, do que uma ilusão.

Friedrich Nietzsche disse: *“por vezes, as pessoas não querem ouvir a verdade, porque não desejam que suas ilusões sejam destruídas”*; como defensores da verdade, nós não podemos de forma alguma não querer ouvir a verdade; temos que, além de vivê-la, defendê-la. No entanto, a verdade tem seu tempo para ser mostrada; caso ocorra algum momento de dúvidas em relação à verdade, devem-se buscar fatos, e não opiniões. Isto é fundamental.

Resumindo:

- 1- Conheça a verdade, (estude a Bíblia; viva-a)
- 2- Seja verdadeiro, autêntico.
- 3- Conheça o seu adolescente.
- 4- Busque fatos e não opiniões.

2 | TEMPO:

Todos nós temos o mesmo tempo; as 24 horas do dia são as mesmas em qualquer lugar do mundo, em qualquer época do ano, ou em qualquer idade. A diferença é que o modo de utilizarmos esse tempo e confiança não são feitos de uma hora para outra, nem da noite para o dia. É preciso tempo para funcionar e ver se é mesmo real.

Outro aspecto em relação ao tempo é você passar tempo com seu adolescente, porque assim você o conhecerá e ele conhecerá você. Esse é um tempo que deve ter mais qualidade do que quantidade. Explico: Qualidade (tempo passado com intenção real de conhecer o que o adolescente gosta, pensa e quer) Quantidade (tempo em números, mas não necessariamente em qualidade). Separe tempo para sentar e conversar sobre todos os assuntos possíveis com o seu adolescente; entender seus gostos e também mostrar seus gostos e suas opiniões, pois é na troca que crescemos em relacionamento.

Resumindo:

- 1- Separe tempo (quantidade) para seu adolescente.
- 2 - O tempo tem que ser de qualidade (interesse).
- 3- Boas relações precisam de tempo (quantidade e qualidade)
- 4- O tempo tem que ser usado para conhecimento mútuo.

3 | SEM JULGAMENTO / SEM PRECONCEITO, MAS COM FIRMEZA NOS PRINCÍPIOS:

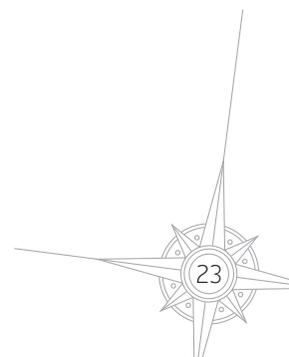
A confiança é baseada em você, podendo ser vista pelo outro, sem que esse o julgue (sem que a consequência o condene) e não o aceite como pessoa. Por isso não o julgue pelo que ele veste, gosta, faz ou pensa. O julgamento afasta qualquer início de relacionamento entre as pessoas, e não é este o objetivo.

Aceite o adolescente; faça exatamente aquilo que você gostaria que fizessem com você. Porém, voltando sobre o que é a verdade, os posicionamentos têm que ser firmes; não rígidos. A firmeza se refere a princípios, e a rigidez a formas. Exemplo: um bolo de chocolate continua a ser bolo de chocolate, se ele está numa forma redonda ou retangular. Assim os princípios de verdade, honestidade e respeito podem mudar de forma, mas continuam mantendo o mesmo princípio.

Aceite o adolescente, mesmo não concordando com ele. Aceitar é entender que pode ser daquela maneira, e concordar é que devem ser duas coisas muito diferentes. Aceite e concorde com aquilo que é bom; aceite e não concorde com aquilo que não é tão bom. Depois que o adolescente se sentir aceito, e não julgado, você vai ter mais facilidade de colocar suas opiniões e estas serem ouvidas; talvez elas possam fazer parte da vida do adolescente.

Resumindo:

- 1- Trate o adolescente como você gostaria de ser tratado.
- 2- Aceite-o, independente do que ele pensa e faz.
- 3- Mantenha o princípio, mas não a forma.
- 4- Exponha as suas opiniões, apenas depois de entender as do adolescente.



4 | LIDANDO COM AS POSIÇÕES E OPOSIÇÕES:

Toda posição tem uma oposição! É o que diz a lei da física; toda ação tem uma reação. Concordância e não concordância. Na infância, as regras, horários e opiniões o adulto impõe à criança que não questiona, se ela é coerente e certa. Por natureza, os adolescentes são questionadores, e isso é bom, mas, muitas vezes, não se lida muito bem quando a opinião é contrária à nossa; nem nós adultos, nem o adolescente.

As posições que geram confiança precisam ser coerentes (pensamentos combinam com ações) e que façam sentido para eles; não apenas repetições sem sentido. E uma das melhores maneiras de se lidar com isso, é pedir com toda sinceridade que o adolescente tente explicar qual a opinião dele, e porque pensa daquela forma; deixar que ele faça isso com você, e mostrar que você está aberto às mudanças, caso a opinião dele seja coerente e bem fundamentada o bastante. Não se muda posição à força; apenas com diálogos e abertura de ambos os lados.

Resumindo:

- 1- Tenha sua posição e saiba que ela pode ser questionada.
- 2- Questionar uma posição não é errado; a não ser que o respeito não seja mantido.
- 3 - Questionar regras é parte da adolescência.
- 4 - Isaias 1:18 diz: “Venham, vamos refletir juntos”, diz o SENHOR.”(NVI)

5 | VOCÊ TAMBÉM PRECISA CONFIAR:

Um dos princípios da confiança é considerá-la como um objeto; você a entrega ao outro, se você a possui. Criar laços de confiança para que eles vejam que você confia neles, em seus pedidos de oração, em situações do dia-a-dia, leva à condição deles verem em você uma pessoa confiável para se depositar os conflitos, dúvidas e segredos. É importante ressaltar que como adultos, não devemos expor os adolescentes a assuntos de adultos. Isso é fundamental para se manter a hierarquia e autoridade, além de não partilhar situações que os levem a se preocupar com assuntos que não lhes dizem respeito.

Muitas vezes, a confiança está no partilhar experiências pessoais; até mesmo aquelas que mostram o quanto um ato ou uma série de atos foram errados; porém, sempre no sentido de ensinar e expor que todos nós podemos confiar em alguém, mesmo que erremos. Adolescentes amam histórias de adultos, quando estes estavam na adolescência.

Resumindo:

- 1- Confie algumas coisas ao adolescente.
- 2- Não partilhe com eles situações de adultos.
- 3 - Utilize sua história pessoal para mostrar coincidências com o que eles estão passando.

6 | SEJA VULNERÁVEL (MOSTRANDO A REAL FORÇA):

Vivemos em uma sociedade onde não queremos mostrar os próprios erros. Gostamos de compartilhar nas redes sociais apenas fotos de coisas boas, escondendo até de nós mesmos, as situações que nos são problemáticas. Porém, confiança significa darmos um voto de confiança; e para isso, precisamos nos tornar vulneráveis. Precisamos mostrar que somos humanos, falhos e também precisamos de alguém confiável que nos ajude.



Ao encontrar algum vulnerável, queremos considerá-lo como um fraco, porém quando essa vulnerabilidade é uma escolha, é porque a pessoa se sente forte o bastante para mostrar aos outros, aquilo que os outros desejam ser. É nessa condição que nós, como líderes de adolescente, precisamos mostrar, que tal como nós, e tal como todos os demais, podemos mostrar nossas deficiências, sem nos sentir reféns delas; porém, não precisamos ter nenhum compromisso com nossos erros.

Resumindo:

- 1- Mostre que você também falha.
- 2- Mostre que erros são experiências do que não deve ser feito.
- 3- Não tenha compromisso com os erros, mas com os acertos.

7 | COMO LIDAR COM AS INSEGURANÇAS DO ADOLESCENTE:

Assim como, em qualquer fase de mudanças, a adolescência é uma delas, onde a insegurança aparece. Desde o medo de falar em público, para alguns, até a arrogância e prepotência do que realmente pode mostrar. A confiança é, muitas vezes, um crédito que damos ao adolescente para que ele cresça interiormente em segurança.

Eis alguns princípios fundamentais, para lidar com as inseguranças:

- 1- Proteja o medo do adolescente (não o exponha).
- 2- Seja claro na sua ajuda, mas entenda que cada um tem seu tempo. Pois cada um de nós tem coisas não resolvidas, precisando, muitas vezes, de ajuda.
- 3- Compartilhe alguma insegurança com relação à sua vida.
- 4- Esteja ao lado do adolescente, incondicionalmente.
- 5- Mostre que qualquer problema tem solução, mesmo os mais complicados.

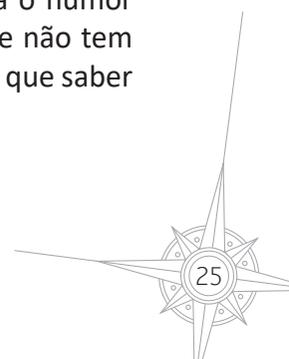
As inseguranças são normais, e, como um professor, você terá que conhecer as suas deficiências, para poder trabalhar com elas, mostrando ao adolescente que também consegue vencer, assim como ele poderá conseguir, se o desejar. Todas as nossas dificuldades são mostradas no nosso dia-a-dia; e se pedirmos ajuda eis a forma mais adequada de crescer.

8 | HUMOR:

Essa talvez seja a maneira mais rápida de se conseguir a confiança do adolescente, caso ainda não se tenha tanto tempo de convivência. O riso, o sorriso, o ser engraçado abrem muitas portas, principalmente se conseguimos fazer piada de nós mesmos, muitas vezes, imitando o adolescente, sem ridicularizá-lo.

É importante ao se mostrar o humor, não ser falso, ou uma cópia do comportamento do adolescente. Não existe nada mais ridículo, que o adolescente não suporta, é quando um adulto se comporta como adolescente para se enturmar. Ele pode ser autêntico, utilizando seu senso de humor, mas sem perder sua identidade.

O humor diminui muitas barreiras, favorecendo o compartilhamento de grandes verdades, sem que o formalismo esteja à frente. No entanto, é bom saber que os limites para o humor devem ser bem claros, para que tenha um efeito positivo. Geralmente, o adolescente não tem suficiente noção de quando deve parar com as brincadeiras, e nós como líderes, temos que saber nossos limites, além de mostrar os dele.



Algumas brincadeiras devem ser explicadas, para que não tragam problemas. Não leve um adolescente a uma situação que o exponha ao ridículo; caso isso aconteça, desculpe-se o mais rápido possível, pois o humor abre portas, mas também pode machucar, caso não seja usado corretamente; na dúvida, faça piada com você mesmo.

Cuidado com o humor ao falar coisas sérias, porque pode dar ideia confusa em relação ao conceito. Para iniciar conversas ou atividades, pode utilizar o humor para preparar para outros assuntos, mas evite inseri-lo nos assuntos mais sérios e complexos.

Resumindo:

- 1 - Seu humor é parte de você; não imite.
- 2- Seja autêntico; não tente imitar o adolescente.
- 3- Utilize o humor para aproximar.
- 4- Não misture humor com assuntos sérios.

9 | CONFIANÇA E AUTORIDADE

Atualmente, a autoridade é um valor em extinção. Ela é facilmente confundida com alguém que manda e outro obedece; coisa essa que faz parte da autoridade, mas que não é ela em si.

A autoridade é mostrada na confiança que se deposita em uma pessoa que a deixa em situação de destaque e não porque ela tem mais importância, ou seja, superior, mas por ter responsabilidade sobre a outra pessoa.

Como professor, ser uma figura de autoridade, auxilia no trabalho, porém essa posição deve sua responsabilidade no cuidado do adolescente, e não se tornar um chefe para ele.

O adolescente precisa ver em você, um amigo mais velho; alguém que cuida dele, mas não é seu pai ou sua mãe, onde ele pode ter alguma perda se fizer algo errado. A ideia de autoridade e confiança é vista na postura e na parceria que você e o adolescente farão para o crescimento de ambos.

O adolescente escolhe aquelas pessoas que pretende seguir. Portanto, se você estiver sendo alguém que apenas o reprime ou repreende, este irá se afastar, seja fisicamente ou no sentido de confiabilidade, que é bem pior, pois, na maioria das vezes, não demonstra, até ser tarde demais.

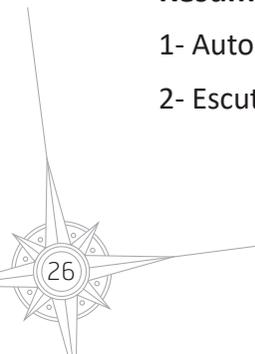
Como uma fase questionadora, o adolescente vai testar a autoridade para saber se ela é firme e consistente. Lembre-se de que ele pode fazer isso, mas não deve nunca perder o respeito; e se isso acontecer conduza o adolescente para uma área reservada, junto com outro adulto e conversem para que a situação incômoda seja resolvida.

Os elogios podem ser em público, mas a repreensão deve ser sempre em particular.

Como autoridade, você pode ser considerada uma figura de confiança; só entenda que o adolescente não sabe esperar muito. Assim, quando ele disser que precisa conversar com você, procure atendê-lo no mesmo dia, já que, na maioria das vezes, ele tem urgência da resposta para o mesmo dia. E, se necessário, não tenha receio de dizer que não sabe e que precisa de ajuda; isso dá mais credibilidade e mais base para ver em você alguém confiável.

Resumindo:

- 1- Autoridade não é mandar; é influenciar.
- 2- Escute o adolescente nas suas dificuldades, e ajude-o a resolvê-las.



3- Faça mais perguntas do que respostas para ajudá-lo.

4- Confiança é uma construção de anos.

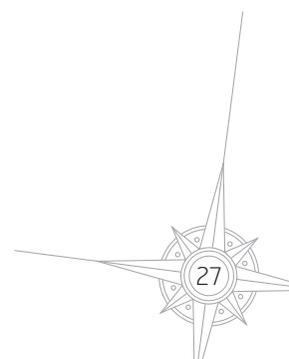
CONCLUIR SEM TERMINAR O ASSUNTO

Caro líder lembre-se de que você só será visto como alguém confiável, se mostrar que confia em Deus de todo o coração. Aplique o princípio e não a forma aqui apresentada; ela é apenas um auxílio para o tema de como lidar com adolescente.

Ganhar a confiança de um adolescente é algo fundamental para você poder influenciá-lo para o crescimento e, posteriormente, para uma mudança de caráter e de entrega a Deus, pois ele verá em você alguém a ser seguido. Caso contrário, o adolescente o evitará e os demais farão mesmo.

Nosso desejo é que, acima de tudo, você seja alguém confiável! Parece óbvio ressaltar algo assim, mas você só alcançará isto, se for verdadeiro e autêntico. Jamais faça algo que quebre a confiança que lhe foi depositada; não seja refém dos erros do adolescente. Afinal, ele precisa saber que, acima de tudo, você cuida do presente e do futuro dele, não medindo esforços, diante de situações que sejam prejudiciais ao adolescente.

Nunca esqueça de que a confiança trará frutos ao longo do tempo. Por isso, seja paciente e persistente, fazendo grande diferença na vida dos demais!



4 | BULLYING, LIDANDO COM O MAL DO SÉCULO

CHRISTOFER VALENÇO E JORGEANA LONGO

A carioca Amanda Rodrigues, 19 anos, só queria ter uma vida normal como as demais garotas de sua idade. Por isso, no início de 2017, foi submetida a uma cirurgia bariátrica, na esperança de nunca mais ser motivo de chacota devido ao seu peso. A cirurgia correu bem e os procedimentos necessários foram realizados com sucesso. Mas infelizmente, durante o pós-cirúrgico, a jovem teve embolia pulmonar, o que a levou a óbito.

Sua irmã, Mayara Rodrigues relatou a triste trajetória de Amanda, que se sentia sozinha e excluída: *Amanda começou a sofrer preconceito, a partir dos sete anos. As crianças da sala dela não aceitavam a minha irmã porque ela era gordinha. Amanda não podia sentar na mesma mesa das meninas, na hora do lanche; não podia ser do mesmo grupo nas brincadeiras, na hora do parquinho e da educação física, e muito menos conviver juntos na sala de aula. Amanda foi uma criança excluída pelas meninas. E os meninos? Ah, os meninos batiam nela. Por diversas vezes, Amanda chegou em casa machucada, espancada, com as perninhas roxas.*¹

O sofrimento de Amanda é o de milhares de jovens ao redor do globo. Pessoas que diariamente sofrem por serem excluídas, devido aos estereótipos que nossa sociedade cria em torno daqueles de etnias diferentes, dos menos favorecidos, dos obesos e dos que têm características físicas peculiares. O que se vê nas escolas, ruas, locais de trabalho e até na igreja é um “conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como: chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir, que ocorrem entre colegas sem motivação evidente; e, repetidas vezes, sendo que um grupo de alunos ou aluno com mais força vitimiza outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender”². A isso, hoje, convencionamos chamar de *bullying*; aquilo que ameaça, intimida e que repete uma maldade à exaustão. Cabe lembrar que com o avanço da tecnologia e o acesso às mídias, há um favorecimento a outro tipo de intimidação, o *cyberbullying*. Sendo que este pode gerar um constrangimento maior por expor a vítima a centenas de acesso, desenvolvendo uma agressão em cadeia.

Essas duas formas de intimidação podem levar ao isolamento, descontentamento escolar, baixa autoestima, depressão, automutilação e até mesmo ao suicídio³, este último já é a primeira maior causa de mortes entre garotas de 15 a 19 anos, sendo a terceira maior causa de mortes entre garotos⁴ no Brasil, como a segunda maior causa de mortes no mundo entre pessoas de 10 a 24 anos. Não podemos fechar os olhos para isso. Precisamos ser agentes de mudança e dizer “não” a qualquer forma de agressão ao próximo, mesmo que pensemos ser apenas “uma brincadeira”, pois em alguns casos, não podemos medir as consequências de nossa imprudência.

Segundo Neto (2005): “O fenômeno de *bullying* é complexo e de difícil solução; portanto, é preciso que o trabalho seja continuado. As ações são relativamente simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas, inserindo-as como temas transversais em todos os movimentos da vida escolar”⁵. É importante lembrar que o mesmo não ocorre no âmbito escolar, sendo necessário trabalhar o tema onde haja grupos de adolescentes.

1 <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/02/01/ela-sofreu-bullying-por-ser-obesa-decidiu-operar-e-morreu-aos-19-anos.htm?cmpid=copiaecola>

2 Psicologia e Sociedade, 20 (1), 2008, p. 34

3 Jornal de Pediatria, vol. 81, nº 5, 2005: Bullying, Comportamento Agressivo entre estudantes, p. S168

4 Fonte: Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância da saúde (SVS): Sistema de Informação sobre mortalidade (SIM) e base demográfica do IBGE: Análise Epidemiológica do suicídio no Brasil de 1980 a 2006. Em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1108498-suicidio-e-a-segunda-maior-cao-de-morte-entre-jovens-no-mundo.shtml>

5 Jornal de Pediatria, vol. 81, nº 5, 2005: Bullying, Comportamento Agressivo entre estudantes, p. S169

IDENTIFICANDO AGRESSORES

É da natureza humana que haja competição entre as pessoas, e isso inclui crianças e adolescentes. Junto com essa competição, seja por atenção, *status* ou amor, os adolescentes buscam estar incluídos nos grupos de afinidades, e dentro desses grupos, com competições e com situações de conflito entre eles.

Como parte deste conjunto, existem os agressores que são aqueles que promovem e/ou executam as situações de intolerância entre os adolescentes. Essas intolerâncias são executadas de forma verbal, física e moral; muitas vezes, com a ideia do anonimato, dentro da internet, através de redes sociais. O agressor pode ser qualquer pessoa, que encontre aliados para que ocorra isso. Muitos desses agressores foram vítimas de *bullying* na escola, em casa, ou na comunidade, e encontram a ideia da sua aceitação entre o grupo. Outros possuem transtornos de comportamento, onde têm prazer em maltratar outros. De qualquer maneira, como líderes de adolescentes, temos que perceber dentro da dinâmica de como ocorrem as relações. Portanto, preste atenção nas fofocas, exclusões de adolescentes, seja por isolamento por parte do grupo ou isolamento por parte do próprio adolescente.

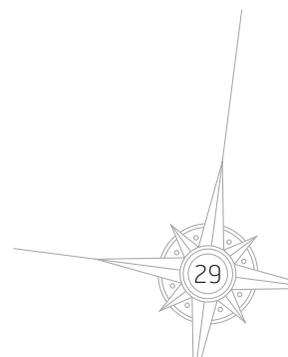
IDENTIFICANDO VÍTIMAS DE BULLYING

As vítimas do *bullying* são normalmente adolescentes que não têm uma autoestima adequada, seja por se acharem melhores do que outros ou por se acharem piores. Podem ser pessoas com comportamentos que são incômodos para os demais adolescentes, considerados pelos amigos como “chatos”, como “se achando”, e exatamente, por isso, são excluídos. Alguns têm reais problemas, quer sejam físicos, financeiros, emocionais, e os demais adolescentes, muitas vezes, não conseguem lidar com essas situações; por isso, podem excluir. Porém, é importante ressaltar que o *bullying* é a intolerância insistente, repetida, que leva a pessoa a ficar se sentindo mal. Muitos dos adolescentes pensam estar fazendo algumas brincadeiras com o intuito de se divertir, porém temos que ensiná-los a fazer brincadeiras que não ofendam aos demais e mostrar que podem brincar sem ofender; e, através disso, incluir todos no grupo.

Outro tipo específico de vítima do *bullying* são aqueles adolescentes muito tímidos com dificuldades de interagir. Normalmente, esses não conseguem se defender das ofensas dos demais ou têm medo de ser ainda mais excluídos do grupo e das atividades. Por isso, aguentam calados os agressores, mesmo sofrendo com sérios problemas emocionais. Portanto, ao se perceber que há adolescentes isolados, tristes ou com comportamento inadequado, estes podem ser identificados como possíveis vítimas. Fiquem atentos!

O QUE DIZER SOBRE AS TESTEMUNHAS PASSIVAS DE BULLYING?

Na dinâmica do *bullying*, existem aqueles que não são participantes diretos, agressores ou vítimas; esses são as testemunhas passivas. Um pensador do século XX, chamado Desmond Tutu, disse o seguinte: “Se você é neutro em situações de injustiça, você escolhe o lado do opressor”. Em outras palavras, se você fica quieto, quando um agressor maltrata uma vítima, você está escolhendo o lado do agressor, só por não fazer nada para ajudar essas pessoas (agressor e vítima). Quando vemos algo ruim ocorrendo, não podemos ficar quietos. A primeira postura é não copiar o comportamento. A segunda é avisar do erro. E a terceira é ajudar quem está errando a mudar. Temos que nos posicionar frente àquilo que é correto.



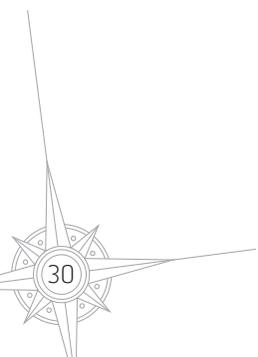
AÇÕES QUE PODEM DIMINUIR O BULLYING E CYBERBULLYING

A verdade é que quanto mais as pessoas se conhecem, mais difícil é a intolerância entre elas, e sua amizade se manter, sem que haja um claro comportamento de reprovação para as escolhas feitas por elas. Portanto, é importante promover locais e ações para os adolescentes ficarem mais próximos com brincadeiras e atividades que os levem a conhecer novas companhias, para que eles entendam que os outros, apesar de serem pessoas com jeitos, formas e gostos diferentes, não são estranhos a ponto de serem excluídos. Essas práticas tendem a diminuir a incidência do *bullying* entre os adolescentes.

Em consequência, o *cyberbullying*, talvez seja a mais covarde das atitudes que os adolescentes podem ter, porque dá a ideia de anonimato, na internet. Ideia esta que é falsa, pois tudo que fazemos, deixa rastro, e pode-se achar o autor, sem muita dificuldade. O trabalho com os adolescentes deve ser a busca da verdade todo o tempo. E o auxílio no dia-a-dia, fazendo-os pensar que suas ações não têm consequências apenas para quem é alvo do *bullying*, mas o(s) próprio(s) agressor(res) sofrerá(ão) consequências que podem acompanhá-lo(s) para o resto da vida.

Tanto o *bullying* quanto sua maneira virtual são reais em intenção e consequências emocionais para todos os envolvidos.

Lembrem-se de que Jesus não fazia distinção de pessoas, porque Ele sabia que todos eram irmãos entre si. O que devemos ensinar às crianças e aos adolescentes é que todos nós estamos na mesma situação e que só podemos ser melhores junto ao Salvador. O *bullying* é mais uma das estratégias do inimigo para nos levar a pensar que somos melhores ou piores, e por isso devemos ou merecemos tais atitudes.



5 | O DESPERTAR DO SENTIDO DA VIDA: A MISSÃO

JORGEANA A. LONGO E JÚLIA CARDOSO

Por que estou aqui? Durante a vida, o ser humano fará esta pergunta, muitas vezes, tentando encontrar a razão de sua existência e, enquanto não houver respostas, a inquietação aumentará; o que pode levar, em alguns casos, à angústia. Daí, vemos homens e mulheres tentando de muitas maneiras “encontrar-se” nesse universo de inquietações.

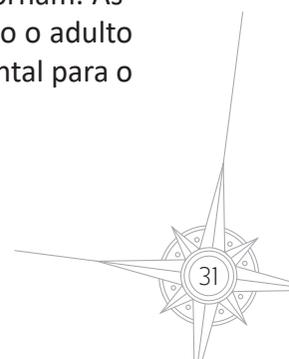
Dizem que há três grandes perguntas que todo ser humano precisa responder para si: “De onde vim?”; “Por que estou aqui?” e “Para onde vou?”. Cada uma dessas tem sua relevância por afirmar nossa importância no mundo, nossa missão e nosso futuro. Para entender melhor, porque nos perguntamos sobre isso, precisamos compreender nossa situação passada e presente. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus; seres perfeitos e puros, sem o nódulo do mal. No entanto, desobedecemos e, desde então, passamos nossa existência tentando reencontrar a eternidade que há em nosso coração (Eclesiastes 3:10 e 11).

Essa busca começa quando chegamos à adolescência e nos deparamos com os valores de nossa família, de nossa sociedade e aqueles que realmente queremos que permeiem nossas vidas, que serão os nossos valores e não de outrem. Porém, esse não é um trabalho fácil; ao contrário, gera estresse, angústia, isolamento, erros e acertos, porque a descoberta de si e de seu papel não é uma questão de matemática, mas se refere à relevância da vida e de que forma vou vivê-la.

Segundo Daniel Siegel, famoso psicólogo americano, que se dedica ao estudo do desenvolvimento do cérebro adolescente, há quatro aspectos que compõem a “essência da adolescência”: “entusiasmo emocional, entrosamento social, busca de novidades e criatividade. Esses quatro elementos são cruciais durante a adolescência. Viver com paixão, estar rodeado de amigos, ir atrás de novas ideias e experiências e manter o cérebro sempre criativo são experiências que os adolescentes vivem intensamente e são elas que, quando adultos, mantêm a mente em boa forma. O cérebro é maleável; muda durante toda a nossa vida, e pode ser moldado por novas experiências. Podemos, intencionalmente, procurar essas vivências e afetar positivamente o desenvolvimento cerebral”. (O cérebro adolescente: <http://veja.abril.com.br/ciencia/o-cerebro-adolescente/>)

Costumamos dizer, que na adolescência pouco importa o futuro, já que o foco está no prazer e em aproveitar ao máximo cada instante. Mas é verdade também que o adolescente consciente do sentido de sua vida viverá muito mais feliz e não precisará passar todo o tempo autoafirmando-se, pois viverá aquilo que realmente é. Infelizmente, vemos um número crescente de adolescentes desajustados, autoafirmando-se e fazendo o que o grupo faz para serem aceitos. Muitos deles não veem sentido na vida e vivem solitários, apesar das amizades. O adolescente precisa de um adulto em quem possa confiar; alguém que o conduza durante essa fase e o encaminhe às boas ações.

Uma solução adequada para essa realidade é despertar no adolescente o senso de missão, para que ao servir o outro, ele se sinta responsável; não apenas por sua vida, mas pela do próximo. Isso porque, quanto mais usam algumas conexões, melhor e mais complexa se tornam. Assim, as experiências, os hábitos e sensações que têm durante a adolescência moldarão o adulto de amanhã. Assim, o serviço abnegado nessa fase de busca de identidade, é fundamental para o descobrimento do sentido da vida; de sua missão.



Um estudo recente comprova este fato: “Uma pesquisa americana mostrou que adolescentes entre 15 e 16 anos que consideram prazeroso engajar-se em atividades sociais têm menos chance de desenvolver depressão”. O artigo foi publicado no periódico *Proceedings of the National Academy of Sciences (Pnas)*, e analisou a atividade de uma região cerebral chamada estriada ventral, que regula a sensação do prazer relacionado à recompensa. Pesquisas anteriores mostraram que a atividade dessa área tende a ser mais intensa em adolescentes, indicando que nessa idade a experiência do prazer e da recompensa é mais acentuada do que em adultos ou crianças. (Adolescentes altruístas têm menos chances de sofrer depressão, diz estudo: <http://veja.abril.com.br/ciencia/adolescentes-altruistas-tem-menos-chances-de-sofrer-depressao-diz-estudo/>).

O QUE É MISSÃO?

A missão é um propósito que atrai a pessoa para a vida. Sem propósitos claros e definidos não há um caminho que possa ser seguido. E aqui surge um grande problema: se não se sabe para onde está indo e nem o que realmente deseja nada satisfará. O contrário, no entanto, leva ao comprometimento e engajamento do ser humano em suas atividades. Em se tratando de adolescentes, quanto antes a descoberta de seu propósito for possibilitada, melhor será a qualidade de sua vida.

O QUE A BÍBLIA FALA SOBRE MISSÃO?

O primeiro capítulo das Escrituras já traz a resposta da razão de nossa existência: “*Deus os abençoou, e lhes disse: Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra.* (Gênesis 1:28)

Fomos criados por Deus a fim de cuidar de Sua natureza e povoar a Terra. Certamente, o povoar abrange as relações interpessoais; e, se deveríamos cuidar da Natureza, também deveríamos cuidar uns dos outros.

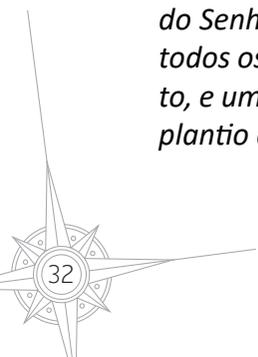
Mais à frente, vemos Deus falando com Seu servo Abraão: “*Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção.*” (Gênesis 12:2)

A missão de Abraão era abençoar, através de seu conhecimento do único Deus, às demais nações da Terra, o que ele cumpriu com fidelidade. Quanto à nação que se formou a partir de Abraão, Deus diz: “*Naquele dia Israel será um mediador entre o Egito e a Assíria, uma bênção na terra.*” (Isaías 19:24)

No Novo Testamento, antes de ascender ao Céu, Cristo declarou: “*Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.*” (Atos 1:8)

Fomos criados com o propósito de aclamar o nome do Senhor e declarar a Sua santidade neste mundo de pecado. A razão de nossa existência é o serviço ao próximo, o anunciar as boas-novas da salvação e atenuar o sofrimento alheio.

“*O Espírito do Soberano Senhor está sobre mim porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes, e dar a todos os que choram em Sião uma bela coroa em vez de cinzas, o óleo da alegria em vez de pranto, e um manto de louvor em vez de espírito deprimido. Eles serão chamados carvalhos de justiça, plantio do Senhor, para manifestação da sua glória.*” (Isaías 61:1-3)



O adolescente precisa entender claramente essa missão, designada pelo próprio Deus a fim de que viva com alegria. A juventude que é bem guiada terá engajamento sócio emocional, e suas ações serão em favor do bem-estar de todos, não apenas de si.

O QUE ELLEN WHITE DIZ SOBRE A MISSÃO DA JUVENTUDE?

“Satanás... bem sabe não haver outra classe que possa fazer tanto bem, como os rapazes e moças consagrados a Deus. A juventude quando reta pode exercer poderosa influência. Pregadores ou leigos de idade avançada não podem ter, sobre a juventude, metade da influência que os jovens consagrados têm sobre seus companheiros” (*Mensagem aos Jovens*, p. 204).

“Vão jovens, moços e moças e crianças ao trabalho, em nome de Jesus. Unam-se eles em algum plano ou ordem de ação. Não podeis vós organizar um grupo de obreiros, e ter ocasiões determinadas para orar juntos e pedir ao Senhor que vos dê Sua graça, desenvolvendo uma ação unida?” (*Mensagem aos Jovens*, p.197).

“Como sai o Sol em sua missão de amor, desvanecendo as sombras da noite e despertando o mundo para a vida, assim os seguidores de Cristo devem ir em sua missão, **difundindo a luz do Céu sobre os que se encontram nas trevas do erro e do pecado**” (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 39).

JUNTOS NA MISSÃO

Charles Dicks, famoso escritor inglês, disse: “ninguém pode achar que falhou em sua missão se aliviou a dor de outra pessoa”. Eis a razão de nossa existência, eis a resposta do porquê estarmos aqui. Siegel afirma: “Nascemos com potenciais que podem ou não se realizar. E eles só irão se tornar concretos a partir das mudanças vividas pela mente adolescente. A adolescência é o momento em que ganhamos a consciência de quem somos e do que podemos ser – em que nos tornamos humanos de maneira plena”. (O cérebro adolescente: <http://veja.abril.com.br/ciencia/o-cerebro-adolescente/>).

Fomos criados para servir e precisamos viver por esta causa, impregnando, se assim podemos dizer, a todos que estão à nossa volta com este digno propósito. Se assim vivermos, se assim ensinarmos, veremos nossa juventude ajustada, comprometida e engajada com o bem-estar alheio e sendo plenamente feliz e realizada.

MÃOS À OBRA: O QUE PODEMOS FAZER PELO PRÓXIMO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, preocupada em favorecer oportunidades para o serviço em diferentes áreas, apoia alguns projetos de missão. Informações mais específicas podem ser adquiridas junto ao seu Campo/Missão. Abaixo, listamos algumas:

- **Escola Cristã de Férias:** Os adolescentes podem ser treinados como parte do staff para ajudar na ECF.
- **Semana Santa:** Todos os anos, nesse período, os adolescentes podem ser parte deste maravilhoso trabalho missionário.
- **Impacto Esperança:** Anualmente, a Igreja Adventista organiza o projeto da entrega do livro missionário, onde os adolescentes podem participar com alegria.
- **Semana de Evangelismo:** Os adolescentes podem participar nessa semana de evangelismo dirigida pelos adultos ou também podem organizar uma semana onde eles mesmos sejam os pregadores.



- **Adoleção:** Estas são diferentes ações para se realizar com os adolescentes. Os detalhes estão no Guia do Ministério do Adolescente.
- **Projeto Geração Teen:** É um projeto formado para adolescentes, inicialmente lançado para os jovens de nossa igreja; e recentemente, adaptado para nossos meninos e meninas que seguem com o propósito de trabalhar, através do CRM de nossa igreja. Este projeto tem seu início na Escola Sabatina e se estende além da classe.

Nosso maior objetivo é que cada adolescente tenha uma comunhão diária com Jesus, através da devoção pessoal, que participe das atividades da igreja e tenha uma amizade sadia e duradoura, sentindo a necessidade de testemunhar de um Salvador que o ama e se preocupa com ele de uma forma pessoal.

SEGUEM IDEIAS REALIZADAS NO GERAÇÃO TEEN PARA TRABALHAR A MISSÃO EM SUA CLASSE:

1 - KIT RESGATE

Antes de sairmos para atender à comunidade, precisamos resgatar aqueles adolescentes que já estiveram conosco. Reúna sua classe (base) e escolha um adolescente (por vez) para ser visitado e acompanhado.

Monte um Kit com os seguintes objetos:

Foto do adolescente afastado com o grupo, Lição da Escola Sabatina, um DVD ou CD de música da Novo Tempo, uma caixinha com um recado carinhoso individual de todos os componentes da base. Após ter montado o Kit, marque uma data para visitá-lo. Seria bom que fosse uma surpresa, mas combine antes com algum parente.

Programa

Nessa visita, vocês podem cantar uma música, orar com ele e, acima de tudo, dizer que ele faz falta na classe. Primeiro, mostrar a foto e abraçá-lo. Depois, faça um convite para ele ir à igreja no sábado seguinte. Combine com alguém responsável para buscá-lo. Entregue em suas mãos a Lição da Escola Sabatina, a Bíblia e o CD ou DVD de música. Finalmente, ore por ele, e, antes de sair, entregue a caixinha com os recados.

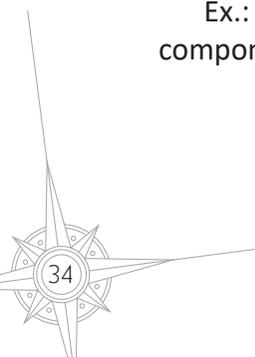
2 - KIT SALVAÇÃO

Escolha um adolescente não adventista para receber esse kit e para ser acompanhado por todos da base.

Kit Sugestivo:

Um estudo bíblico, uma Bíblia, um DVD do Pr. Luís Gonçalves ou outro (você encontra no Ministério Pessoal de sua igreja). Um convite para um encontro fora do encontro.

Ex.: O encontro fora do encontro pode ser um lanche com um filme educativo na casa de um componente da base.



Programa

Vocês irão à casa desse adolescente e levarão o convite para o lanche e o filme. Após ter passado o filme, promova um bate papo a respeito de esperança e salvação – por isso que o filme tem que ser bem escolhido.

Diga para esse adolescente convidado que vocês gostariam que ele também fizesse parte de sua base; e que vocês se preocupam com ele, depois ofereça o kit. Ore por ele e lhe dê um abraço coletivo. Em seguida, pergunte se ele aceita conhecer melhor a Jesus.

3 - KIT CESTA BÁSICA

Descubra uma família que esteja passando necessidade financeira.

Kit Sugestivo

Uma cesta de alimentos básicos. Lembre-se das crianças da família e acrescente coisas diferentes para elas. Monte também uma cesta com um lanche saboroso para que a família faça uma refeição especial naquele dia. Ex.: Pães, frutas, bolacha, suco. Não esqueça de acrescentar um livro missionário e um DVD do Pr. Luiz Gonçalves.

Programa

Vá com a base à casa da família. Entregue as cestas e diga que é um presente dos adolescentes da igreja adventista e pergunte se vocês podem orar com essa família. Espere uma semana, depois faça uma visita de retorno para saber como estão e o que precisam. Deixe uma Bíblia para a família com uma dedicatória da base e telefone; ore com eles. Não perca o contato com essa família. Quando for favorável ofereça um curso bíblico.

4 - KIT INVERNO

Em alguns Estados mais frios, muitas famílias precisam de agasalhos e cobertores para enfrentar as baixas temperaturas. Escolha uma família para ser ajudada (peça ajuda da ASA – Ação Solidária Adventista – de sua igreja).

O ideal é saber antes, de quantas pessoas a família é composta, para que todos se beneficiem adequadamente.

Kit Sugestivo

Roupas de frio: Agasalho, calça, meias, tocas, cachecol, manta ou cobertor e um livro missionário. Obs.: Certifique-se de que as roupas estão em bom estado e limpas.

Programa

A base deve ir à casa da família para entregar as roupas. Digam que eles são especiais para vocês e orem com eles.

5 - KIT VERÃO

Em alguns Estados, a temperatura é muito alta; então monte um kit verão. Essa é uma forma de manter o primeiro contato com uma família que você deseja que conheça e aceite a Jesus.



Kit Sugestivo

Antes, verifique quantas pessoas compõem a família. Uma cesta com frutas, sucos e squeezes (garrafinhas de água) para toda a família. Um protetor solar filtro médio, viseiras ou bonés. Um kit de folhetos sobre os 8 remédios naturais (você encontra com o Ministério da Saúde de sua igreja). Não esquecer de acrescentar um livro missionário e um DVD Do Pr. Luís Gonçalves ou outro.

Programa

A base deve ir à casa da família para entregar a cesta. Digam que é um presente dos adolescentes da igreja adventista, e ore com eles.

DESAFIOS MISSIONÁRIOS

DESAFIO 01 – PÃO DO CÉU

Juntamente com sua base, prepare um pão saboroso, coloque-o em uma embalagem bem bonita. E junto, coloque um DVD do Pr. Luiz Gonçalves ou um livro missionário. E entregue a algum vizinho perto da igreja. Convide-o para o Dia do Amigo nessa igreja.

DESAFIO 02 – BALÕES MISSIONÁRIOS

Conhecem os balões com gás hélio? Junte aos balões cheios, vários folhetos com propaganda da TV Novo Tempo e solte-os em uma praça do seu bairro. (Esses folhetos você consegue no Ministério Pessoal de sua igreja.)

DESAFIO 03 – CANTANDO NO ÔNIBUS

Você tem coragem? Então, prepare uma música especial, bem ensaiada com acompanhamento de violão ou outros instrumentos práticos de serem transportados. Vá com sua base para um ônibus ou terminal. Fiquem espalhados e combinem um sinal para começarem a cantar para as pessoas. Após a música, distribuam folhetos ou livros missionários.

DESAFIO 04 – OUTUBRO ROSA

No mês de outubro temos a conscientização contra o câncer de mama nas mulheres. Confeccione lacinhas de fita rosa e alfinetes para prender na roupa das mulheres. Veja com o Departamento do Ministério da Mulher algum material específico para esse dia. Reúna sua base e vá até uma praça de seu bairro e entregue os lacinhos com os folhetos.

CONCLUSÃO

A participação de adolescentes ativos na missão será de grande ajuda para levar o evangelho aos outros. E eles desfrutarão do privilégio de ver os frutos de seu trabalho aqui e no porvir. Que o Senhor Deus seja honrado com cada um desses testemunhos vividos por amor!

